



As novas tecnologias e o jornalismo do interior: o caso do jornal RS Norte, de Frederico Westphalen¹

André Piovesan, Daniela Polla, Roscéli Kochhann² e Cláudia Herte de Moraes³.
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/Cesnors

Resumo

O jornalismo do interior é atingido pela atual overdose de informações, pois a internet alargou os horizontes dos leitores de todos os cantos do mundo. A tecnologia também transforma o “fazer jornalístico”. Neste artigo, o jornalismo do interior é analisado, a partir do jornal RS Norte, de Frederico Westphalen. Produzido por um único jornalista, é exemplo das facilidades da tecnologia. A análise reflete sobre o impacto da internet na profissão em geral; traz um breve histórico da imprensa gaúcha e indica o debate necessário sobre o jornalismo interiorano na atualidade. É possível concluir que o jornalista tem papel fundamental no filtro das notícias do mundo globalizado, aproximando-as dos leitores locais e que a formação e a correção ética profissional são fundamentais para manter a credibilidade dos “pequenos” nas suas comunidades.

Palavras-chave

Novas tecnologias; jornalismo gaúcho; jornalismo interiorano; jornal RS Norte; Frederico Westphalen

Breve histórico da imprensa gaúcha

Antes de abordar o tema principal – o jornalismo do interior - considera-se pertinente a elaboração de uma breve história da Imprensa Gaúcha. Esta tem seu primeiro registro em 1827, com a fundação do Diário de Porto Alegre, jornal impresso patrocinado pelo presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Salvador José Maciel. Nos oito anos seguintes, surgiram outros 32 jornais no estado. No interior, a fundação da imprensa deu-se primeiramente em Rio Grande e Pelotas. Nessa época, a periodicidade das publicações era, na sua maioria, bissemanária ou trissemanária.

Nessa primeira fase da imprensa gaúcha, a função do jornal era totalmente política. Apesar de, após a Guerra Civil de 1835, as tipografias começarem a publicar seus próprios jornais, elas dependiam economicamente do Estado. Ainda nessa fase, não havia um conceito específico de jornalismo, tampouco a redação como entendemos

¹ Trabalho de Iniciação Científica apresentado ao GT Jornalismo, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Acadêmicos do curso de Jornalismo do Centro de Educação Norte RS – Cesnors/UFSM, campus de Frederico Westphalen. Trabalho realizado como parte da pesquisa “Comunicação e Jornalismo em Frederico Westphalen e região: levantamento histórico e perspectivas”.

³ Professora assistente da UFSM/Cesnors, coordenadora da pesquisa citada.



hoje; as atividades restringiam-se à direção dos jornais que se confundiam com as prestações de serviços gráficos.

Segundo Dornelles: "A tecnologia dos periódicos era primitiva. Os jornais eram editados em velhos prelos de madeira, movidos manualmente, com material tipográfico de segunda mão, adquiridos, na maioria das vezes, no Rio de Janeiro". (2004, p.20). Em 1850, época do surgimento dos Pasquins, surge também o jornalismo político-partidário gaúcho. Nessa mesma época, a fabricação perde o caráter artesanal para passar à manufatura.

Em 1869, ocorre no estado um novo marco do jornalismo político-partidário. Trata-se do lançamento do jornal A Reforma, órgão do Partido Liberal. Após seu surgimento, foram editados vários folhetos político-partidários no Rio Grande do Sul.

No período posterior à Proclamação da República, muitos jornais tiveram seu fechamento decretado em virtude da censura sofrida pelos mesmos. Com o surgimento do Estado Novo, na década de 1930, termina, teoricamente, o jornalismo partidário. Os jornais sobreviventes a esse período precisaram adaptar-se aos novos tempos, atendo-se à função de informar. A ascensão do jornalismo informativo ocorre com a fundação do Correio do Povo, em 1895. Paralelamente a isso, surge o jornalismo literário. Segundo RÜDIGER (2003), a passagem de um regime para o outro foi mediada social e historicamente pelo jornalismo literário independente. Essas duas novas formas de se fazer jornalismo rompem o compromisso com os partidos políticos, divulgando notícias e discutindo assuntos do dia-a-dia.

No início do século XX, a imprensa já havia deixado a fase artesanal e passado a trabalhar com a máquina a vapor. Houve melhorias na circulação com o desenvolvimento da rede ferroviária. Também ocorreram mudanças nos parques gráficos aumentando as tiragens e o número de páginas dos jornais. Nessa mesma época, a cor passou a ser usada em títulos, assuntos de destaque e nas ilustrações, posteriormente substituídas pelas fotografias.

Já na década de 1920, surge no jornalismo a notícia como entendemos hoje e os jornais gaúchos passam a contar com serviços noticiosos de agências internacionais. Apesar das tentativas, os jornais do início do século XX não conseguiram desvincular-se dos partidos políticos. Isso ocorre somente quando os jornais tornam-se empresas jornalísticas.

A primeira empresa a implantar esse novo sistema foi o Correio do Povo, fundado em 1895 por Caldas Jr. Essa empresa destacou-se por ter investido na



tecnologia e administração do jornal. O Correio do Povo, em 1910, montou a primeira impressora rotativa do estado e posteriormente as quatro primeiras linotipos, dobrando a tiragem do jornal.

Para concorrer com o Correio do Povo, surge, em 1925, o Diário de Notícias. Esse jornal destacou-se porque introduziu um jornalismo moderno apoiado em campanhas de opinião pública e por possuir um departamento comercial bem estruturado.

Conforme RÜDIGER (2003), a fase de industrialização e o conseqüente desenvolvimento das empresas jornalísticas ocorrem a partir de 1930. Cabe destacar a viabilização da publicidade que passa a ser a principal fonte de manutenção do jornalismo. Porém, a industrialização não significou a independência dos jornais em relação aos políticos e partidos. Os jornais apenas negavam publicamente serem favoráveis a um ou outro candidato.

O desenvolvimento do jornalismo provocou, na década de 1950 e 1960, o desenvolvimento da imprensa da capital e a decadência da imprensa interiorana. Depois de várias tentativas, finalmente, nos anos de 1970, a imprensa gaúcha interiorana adota a informação como base do jornalismo, abandonando o colunismo e o jornalismo de opinião. Os jornalistas procuram profissionalizar-se nas faculdades de jornalismo gaúchas e máquinas de impressão *offset* são instaladas em várias regiões do estado.

A última grande revolução no jornalismo gaúcho ocorre nos anos 1990, quando todas as redações substituem as máquinas de escrever por computadores e a produção do jornal passa a ser totalmente informatizada.

Toda a história da imprensa está ligada aos processos e dispositivos tecnológicos aos quais as empresas e os jornalistas tiveram acesso. O desenvolvimento das técnicas jornalísticas foi surpreendente na medida em que o jornalismo entrou para a escala industrial. Cabe, agora, repensar as mesmas práticas a partir de um novo patamar: as novas tecnologias de informação e de comunicação.

O contexto das novas tecnologias

No momento em que o chamado “serviço de conteúdo” e todo o setor da informação caminham para a convergência digital⁴, é possível afirmar que a atualidade de um mundo globalizado impõe, a inúmeras áreas, a revisão de seus conceitos. No

⁴ Convergência digital é a união de diferentes mídias em suportes digitais, como, por exemplo, a TV no celular, o computador na TV, o celular. Ou seja, o termo sugere a integração da computação e das telecomunicações.



Jornalismo não é diferente. “A internet não deixa de representar também um novo e promissor campo de renovação para as práticas e as técnicas do jornalismo”. (PINTO, 2003, p.58).

LAGE (2001) afirma que é necessário, “antes de mais nada, estar atentos às mudanças sociais e tecnológicas que ocorrem, alterando profundamente o quadro em que se exerce a profissão.” Isso significa que os jornalistas que ingressam no mercado, a partir de agora, devem entender o perfil do leitor, que é mais exigente e têm “um mar de informações”.

Para entender este contexto, é preciso evidenciar seu viés econômico que, a partir dos anos 70 e 80, modifica a produção de massa que atingia seu limite de crescimento (LASTRES, 1999). Em várias áreas do conhecimento se esboçam teorias para uma era chamada pós-industrial. Neste sentido, o surgimento da internet amplificou o processo de passagem para um paradigma de transição e trouxe a centralidade para as novas tecnologias em todas as atividades, em especial, pelo nosso interesse, ao campo das mídias.

(...) a convergência tecnológica entre telecomunicações, mass media e informática, gestada pela “era digital”, colocou a mídia como elemento fundamental na engrenagem da globalização econômica e cultural e como o setor mais dinâmico da economia internacionalizada... (...)” (LIMA, 2001, p.175).

Definida a rede como a “estrada do futuro” pelo mega-empresário Bill Gattes, a internet (e mais especificamente a Web), é a construção operacional e simbólica de uma nova fase da humanidade. Esta fase traz novos desafios para a cultura, a política, a sociabilidade em geral. CHAPARRO (apud TÁRCIA, 2005), jornalista e professor na USP, descreve alguns desafios para o futuro do Jornalismo. Para ele, cada vez mais se exigirá que o jornalista escreva (e bem) para diferentes mídias, que atue na informação para públicos específicos e dentro de um contexto de prestação de serviços. O que se observa é que o contexto midiático e o mercado da informação exigem uma nova postura do jornalista.

Ruth Vianna realizou pesquisa importante sobre a informatização na imprensa brasileira, que teve lugar nas redações a partir dos anos 80. O jornalismo ficou mais complexo, pelas transformações na sala de redação, com sistemas on-line de apuração, redação, edição, diagramação. Além disso, a distribuição do jornal se modificou, sendo facilitada pelo envio de material para pontos de impressão diferentes. A produção foi alterada quebrando barreiras entre o trabalho intelectual e o produto em si. Alguns



jornais também passaram a integrar seus sistemas editoriais e gerenciais, ampliando o controle sobre a informação veiculada. Após a crise do papel em 1970, que fechou jornais principalmente no interior, a informatização foi outro baque nos postos de trabalho dos jornalistas. (1992, p.14-18).

Além das questões ligadas à organização empresarial dos jornais, é preciso observar ainda modificações crescentes na forma de “fazer jornalismo”, a partir do surgimento das mídias digitais.

Uma primeira grande transformação decorre do aproveitamento jornalístico da Internet como meio de difusão desde o início dos anos noventa do século passado. O aproveitamento jornalístico da Internet originou transformações nos restantes meios (imprensa, rádio, televisão), a começar pela migração dos mesmos para a Rede. O jornalismo também encontrou na Internet uma nova fonte de informações, uma ferramenta de investigação e de interactividade com fontes e receptores. Mas a Rede das Redes gera fenómenos para-jornalísticos (como o dos weblogs) e está, igualmente, a reconfigurar o espaço público e a roubar ao jornalista o seu quase monopólio de selector da informação que passa e não passa para o público. (SOUSA, 2001)

E o jornalismo do interior, como está sendo “transformado” pelas novas tecnologias? A imprensa interioriana, com poucos recursos, aproveita a internet para obter informações, seja para pesquisa ou para reportagem, ampliando o universo informativo à disposição do leitor. Assim, no jornal do interior, a capacidade de apuração do jornalista continua sendo fundamental. Seu papel na seleção do noticiário filtra o grande número de informações, a partir da idéia de um envolvimento maior com a comunidade que o mantém, usando essencialmente o critério da proximidade com o leitor.

Em 2002, um estudo de Fernandes comprovou que alguns jornais regionais, no interior do Sul do país, mesmo com acesso à tecnologia, realizaram um subaproveitamento do material on-line na cobertura das eleições. “Acossados pela crescente concorrência e pressionados pela necessidade de reduzir custos, jornais interioranos do Sul do Brasil não indicam claramente que estão aprendendo a usufruir as benesses das novas tecnologias”. (2003, p.8)

Assim, parece claro que somente o acesso aos meios tecnológicos resolverá todos os problemas do jornalismo interiorano. Mas, ao contrário, o componente humano, o jornalista bem formado e com atuação ética, poderá influir mais na sua comunidade, independente de qual dispositivo utilize para captar e apurar sua notícia.

O jornalismo do interior na atualidade

Neste artigo, entende-se como Jornalismo Interiorano todas as publicações jornalísticas produzidas fora das capitais e sem ligação com os conglomerados de comunicação.

Analisando a história da imprensa gaúcha, percebe-se que o jornalismo interiorano era inteiramente sustentado pela política. Hoje, a maior parcela dos jornais existentes obriga-se a adotar normas de jornalismo informativo, através de matérias objetivas e neutras.

Contudo, o surgimento dos conglomerados de mídia acabou reduzindo o espaço dos jornais do interior gaúcho, uma vez que estes monopolizaram as informações estaduais, nacionais, internacionais e ficam com as maiores cotas publicitárias.

Dessa forma, sente-se a necessidade de se produzir um jornal que aborde as notícias de sua região de abrangência. Assim, o jornal torna-se um instrumento de luta da comunidade que, segundo DORNELLES (2004), tem onde se informar sobre os acontecimentos locais e tem ainda um veículo onde possa manifestar reivindicações e denúncias, o que não pode ser feito na grande mídia.

Acredita-se que o jornalismo interiorano não precisa divulgar noticiário estadual, nacional ou internacional. Isso porque a necessidade dessas informações é suprida pelos jornais das capitais e, normalmente, o leitor dos jornais interioranos tem acesso a essas publicações.

O jornalista do interior ocupa um papel de destaque na comunidade que está inserido. Ele, além de informar, deve participar ativamente das ações e reivindicações propostas pela sociedade, bem como lutar pela melhoria da qualidade de vida visando o bem comum das pessoas dessa sociedade. Portanto, ele deve ter espírito comunitário e político.

Em contrapartida a isso, os leitores do interior acabam criando uma afeição especial pelo jornalista da cidade, o que pode acabar dificultando a prática do jornalismo investigativo. É possível que essa seja uma das razões que leva algumas pessoas a acreditarem que o jornalismo interiorano tem sua qualidade inferior em relação ao da capital. Porém, não é correto comparar essas duas realidades, já que são contextos distintos que deveriam buscar complementar-se.

Por outro lado, observa-se que realmente existem empresas jornalísticas que apresentam baixa qualidade em seu produto. Esse fato pode ser justificado pelo baixo índice de profissionais nas redações do interior. Essa situação gera uma certa polêmica:



por um lado os donos de jornais dizem que os jornalistas não querem ou não estão aptos a trabalhar no interior e, por outro, o Sindicato dos Jornalistas afirma que não existe interesse, por parte dos donos de jornal, em contratar profissionais diplomados. Muitas vezes a falta de interesse por parte dos jornalistas, atribui-se aos baixos salários oferecidos pelas empresas interioranas.

Apesar dessa discussão, entende-se que, atualmente, a presença de profissionais qualificados nas redações é indispensável para oferecer ao leitor um produto de relativa qualidade. Isso porque nos últimos anos, a informatização proporcionou o avanço da imprensa interiorana facilitando o trabalho para o profissional qualificado.

É importante salientar que o mercado jornalístico da capital está saturado enquanto o interiorano está em constante expansão. Por essa razão, torna-se cada vez mais necessária a pesquisa científica desse ramo do jornalismo já que a mesma praticamente inexistente.

A partir da revolução das redações, o jornalismo, seja na capital ou no interior passa a ser repensado. Há quem defenda que não existam mais “jornais do interior”, visto que a partir da internet não há mais “interior”. Por isso, deixa-se claro Jornalismo Interiorano não se refere a uma falta de acesso “ao mundo lá fora”, mas a suas características específicas de organização empresarial e jornalística, bastante diversa da grande imprensa e, mesmo, do chamado Jornalismo Regional.

Outro ponto importante neste trabalho é entender que o jornal do interior recebe cobranças de seus leitores, pela qualidade informativa, que deve ser cada vez maior. Isso se explica até mesmo pelo acesso dos leitores a outros veículos, seja da capital ou até mesmo do exterior, muitas vezes com informações disponíveis online. Isso sem contar a televisão, aberta e por assinatura, e jornais de outras localidades. Afinal, esta-se vivenciando a chamada era da informação.

Segundo CAMPOS (2000), ser “dono de jornal” não é um mar de rosas, principalmente se o jornalista-empresário quiser manter-se longe da corrupção.

“A mesma classificação de empresas capitalistas que as pesquisadoras Cremilda Medina (em 1988) e Isabel S. Travancas (em 1992) atribuem aos jornais brasileiros deve ser conferida, naturalmente, aos jornais do interior. Eles vivenciam uma experiência empresarial – com a característica de serem menores, num público menor – em que as pressões são maiores e mais diretas, tanto por parte dos leitores como dos anunciantes.”

Um dos problemas apontados pelo autor é a divisão entre jornalismo e publicidade, no que ele indica que pessoas diferentes captem o material publicitário,



para manter a independência no jornal. Campos frisa que tendo “uma idéia na cabeça e um computador na mão” é possível fazer um jornalismo sério, comprometido com a comunidade.

(...) os jornais de comunidade tendem a crescer de importância, pois é para ele e para os demais veículos sérios do lugar que a comunidade se volta como naufraga do mar global de notícias em busca de referência, de ponto de apoio, de reconhecimento da própria identidade. No jornal da cidade ou na emissora de rádio local, o receptor sabe que seu nome não vai sair errado e só ali ele ficará sabendo que o trânsito da rua da sua casa vai mudar de mão. Isto não seria possível no grande jornal globalizado que chega pelo correio às 10h.

História e funcionamento do jornal RS Norte⁵

Como estudo de caso, o grupo levantou dados do Jornal RS Norte que, embora não se destaque pela tiragem (cerca de 1.000 exemplares), ou periodicidade (mensal), é um jornal feito por um único jornalista: Agostinho Piovesan. A sede do jornal é o seu apartamento e a redação funciona na sala, assim como o escritório comercial que capta os anúncios (esta parte é feita por sua esposa, Teresinha de Paula). Neste sentido, cabe relatar seu histórico e seu funcionamento, levando em conta as facilidades das novas tecnologias a serviço do jornal do interior.

O jornal “RS Norte” é o resultado da evolução do antigo jornal “Barril”. Este, por sua vez, era um jornal anual, produzido por Agostinho Piovesan e Nicolino Dalla Nora. O jornal era responsável por realizar a retrospectiva dos acontecimentos do município de Frederico Westphalen (1988) e, depois de seis anos de publicação, passou a editar uma retrospectiva da região (1994).

Inicialmente, o jornal era diagramado em um pequeno quarto na residência do próprio jornalista. Tudo era produzido em uma pequena máquina de escrever (Línea 98). Com o passar dos anos, Agostinho sentiu a necessidade de ampliar o espaço físico destinado à produção do jornal.

Segundo o jornalista, a conversão do jornal “Barril” em “RS Norte”, ocorreu há cerca de oito anos, passando também a ter edições mensais. A partir desse momento, o jornal passou a abordar as notícias de Frederico Westphalen e região, abandonando o formato de retrospectiva inicial, com o objetivo de se fortalecer e integrar-se com a comunidade.

⁵ Entrevista realizada pelos autores, na sede do jornal, em 26 de janeiro de 2007.



É importante destacar que o jornal tem sua venda proibida, ou seja, é distribuído gratuitamente na comunidade regional visando, assim, atingir maior número de leitores. O sustento do jornal se dá por meio de anúncios publicitários e parcerias firmadas com empresas da região do Alto Uruguai, bem ao Norte do estado do Rio Grande do Sul.

Outro ponto a ser ressaltado é o tempo disponibilizado pelo jornalista na produção do jornal. Essa produção ocorre gradativamente ao longo do mês, adequando-se ao tempo disponível do jornalista, já que o mesmo desempenha funções em outros meios de comunicação da região.

Um dos destaques desse jornal são as tecnologias utilizadas na produção do mesmo. Para construção do RS Norte são utilizados apenas um computador com os programas específicos (PhotoShop e PageMaker) e conectado à internet, um telefone fixo, um celular, um fax e uma câmara digital.

O jornal RS Norte, por ser mensal, não aborda assuntos de polícia e tem pouca cobertura de assuntos relacionados com política, isso porque as notícias ficariam desatualizadas. A maioria das reportagens é considerada “matéria fria”. O referido jornal também conta com a colaboração de pessoas da região que enviam fotos e notícias, devidamente creditadas, facilitando a cobertura regional.

Embora o jornal não possua um arquivo histórico, as fotos existentes formam um arquivo completamente digitalizado, com aproximadamente três mil fotos, garantindo assim a sua possível reutilização. As referidas fotos são feitas com uma câmera digital Sony 4.1 M.P. Na maioria das vezes, as imagens são captadas pelo próprio Agostinho. Quando as fotos são enviadas por outras pessoas, elas são creditadas.

A impressão do jornal é realizada nas dependências da gráfica do jornal O Alto Uruguai, de Frederico Westphalen, um dos únicos a possuir máquinas de impressão *offset* na região e que presta serviços a vários outros periódicos.

Perfil de um jornalista do interior

Agostinho Piovesan, 52 anos, formado em jornalismo pela Unisinos (São Leopoldo/RS) no ano de 1979. Esteve envolvido, desde aquela época, com o jornal Correio do Povo e com a Rádio Guaíba, atuando como correspondente desses veículos na região Norte do estado do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina. Além de ter vínculo com o Correio do Povo e com a Rádio Guaíba, ele é responsável pelo departamento de jornalismo da Rádio Luz e Alegria, ligada à Diocese de Frederico Westphalen, e também é colunista do jornal O Alto Uruguai, do qual já foi editor.



Seu interesse em possuir um jornal, que pudesse atender toda a região norte do estado, vem desde a época em que começou a trabalhar como correspondente para o Correio do Povo e para a Rádio Guaíba, pois percebeu que havia “matéria-prima”, ou seja, notícias a serem trabalhadas no âmbito local.

O jornalista afirma que muitas mudanças ocorreram ao longo de sua trajetória jornalística. Uma das mais importantes é quanto ao surgimento da internet e seu uso nos jornais interioranos, em especial no jornal RS Norte. “Hoje é fácil fazer notícia, existem mais ferramentas, tem a Internet, mas é preciso correr atrás das informações”. Com o uso da internet até mesmo o envio de notícias para o Correio do Povo tornou-se mais simplificado. “No início, era necessário ler a notícia por telefone para a redação do jornal, para somente assim poderem publicá-la. E o telefone ficava a quilômetros daqui”.

Sobre a situação do jornalismo no interior, o jornalista se mostra otimista, apontando ainda outro espaço para o trabalho do jornalista: as assessorias de imprensa das prefeituras. “Existe uma ineficiência na assessoria das prefeituras. Muitas pessoas que se dizem assessores, nem sabem começar uma notícia”, referindo-se à falta de formação profissional.

Considerações finais

O Jornal RS Norte é tipicamente um jornal do interior. Decorre certamente de uma idéia na cabeça e de um computador (e outros equipamentos, é claro). Ao apresentar aspectos que se interligam para a compreensão deste jornal em específico, mas que decorrem de um contexto semelhante a outras cidades e às possibilidades do jornalismo interiorano na atualidade, importa destacar que as novas tecnologias e o fluxo alucinado de informações pela internet modificam o jornalismo e atingem também o jornal feito longe das capitais.

Porém, o advento dessas novas tecnologias exige que o profissional use-as de maneira consciente, tanto nas capitais quanto no interior. Elas facilitam o trabalho do jornalista qualificado, aquele que mantém seu compromisso com o público e busca a edição de matérias próximas aos interesses da comunidade local. No jornalismo interiorano, essa utilização deve ser ainda mais cuidadosa, já que o público leitor é mais próximo, assim como as cobranças pela qualidade da informação.

A importância da apuração e da credibilidade do jornalismo intensifica-se com o desenvolvimento das novas tecnologias. Tal importância pode ser explicada pelo fácil



acesso que o público dispõe aos grandes meios de comunicação, o que faz com que ele se torne mais crítico em relação à qualidade da informação, obrigando o jornalista a apresentar qualidade, ética e credibilidade.

Avaliando-se particularmente o caso do RS Norte, constatou-se a importância da evolução das tecnologias. Isso porque esse jornal é produzido por um único profissional com acesso a equipamentos tecnológicos que possibilitam o alcance da qualidade esperada pelo jornalismo interiorano.

Esta é uma primeira aproximação com o objeto pesquisado. O presente estudo poderá ser aprofundado, com análises sobre outros aspectos do jornal em questão, em relação aos critérios de escolha de notícias, ou ao seu envolvimento com a comunidade. Pode-se afirmar, no entanto, a importância de ampliação de pesquisas sobre um modo de fazer jornalismo diferente das grandes redações e das grandes empresas e que, por ser menor, não necessariamente deva ser ruim ou ineficiente. Ao contrário, deve manter o espírito e a função social do jornalismo.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Pedro Celso. O papel do jornal do interior. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd20092000.htm>. Acesso em: 20 mar 2007.

CHAPARRO, Carlos Apud TÁRCIA, Lorena. O jornalista do futuro, agora. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=330DAC001>. mai 2005. Acesso em: 30 jun 2005.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo Comunitário em cidades do interior**. POA: Sagra-Luzzato, 2004.

FERNANDES, Márcio. O subaproveitamento das novas tecnologias em jornais do interior: o caso das eleições presidenciais. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 26., 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4737/1/NP8FERNANDES.pdf>. Acesso em: 20 mar 2007.

LAGE, Nilson. O ensino do jornalismo no século 21. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da020520012.htm>. Acesso em: 15 mar 2007.

LASTRES, Helena M. M. Informação e Conhecimento na nova ordem mundial. **Ci. Inf.**, Jan. 1999, vol.28, n.1, p.72-78.

LIMA, Venício. **Mídia: teoria e política**. SP: Ed. Perseu Abramo, 2001.

PINTO, J.B. **Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on-line**. SP: Summus, 2003.



RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. POA: Ed. Ufrgs, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Desafios do ensino universitário do jornalismo ao nível da graduação no início do século XXI**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-desafios-do-jornalismo.html. 2001. Acesso em: 15 mar 2007.

TRAQUINA, Nelson. Os desafios da transição tecnológica. In: **Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo**. 7., Abril 2004. Florianópolis/SC. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=274DAC004>. Acesso em: 01 mar 2007.

VIANNA, Ruth P. A. **Informatização da imprensa brasileira**. SP: Loyola, 1992.